

# Um mundo pior na Rio+20

Consumo de recursos naturais aumenta 40% desde a conferência de 1992

Editoria de Arte

Cláudio Motta

claudio.motta@oglobo.com.br

A pouco mais de 200 dias para a Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável começa a ganhar conteúdo. Terminou ontem o prazo para os países enviarem suas propostas à ONU, que vai determinar a pauta de debates marcados para entre os dias 4 e 6 de junho no Rio. Também ontem, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) publicou em Nairóbi o relatório "Keeping Track of our Changing Environment: From Rio to Rio+20" (De olho no meio ambiente em mutação: do Rio à Rio+20). Os dados mostram que, nos últimos 20 anos, a população cresceu 26% (são 1,45 bilhão de pessoas a mais) enquanto o consumo de recursos naturais aumentou 40%.

O estudo de 111 páginas mostra que as emissões de gás carbônico, principal responsável pelo aquecimento global, aumentaram 36% no mesmo período, sendo que 80% deste acréscimo vêm de 19 países. O Pnuma revela que a temperatura global aumentou 0,4 graus Celsius, ao mesmo tempo em que o número de catástrofes reportadas anualmente dobrou, passando de 200 para aproximadamente 400. E o nível do mar tem aumentado cerca de 2,5mm por ano desde 1992.

O uso acelerado de recursos naturais é um alerta para Humanidade, que pode ter que enfrentar a exaustão de recursos estratégicos, afirma o coordenador dos cursos de pós-graduação em gestão ambiental da Escola Politécnica da UFRJ, Haroldo Mattos de Lemos. Ele ressalta que o homem precisa dar uma resposta rápida ao problema.

— O crescimento do Produto Interno Bruto dos países é acompanhado do aumento do consumo de recursos naturais — explicou Haroldo. — Um dos únicos países que descolou uma curva de crescimento da outra foi a Alemanha, que conseguiu apresentar mais eficiência energética.

## Agressão à camada de ozônio diminui

• Presidente da Câmara de Desenvolvimento Sustentável da prefeitura e professor da PUC-Rio, o economista Sérgio Besserman vê no relatório publicado ontem pelo Pnuma um conjunto de alertas que sinalizam a necessidade de mudanças. Ele destaca que, de 1992 até hoje, houve um aumento do número de pessoas que estão engajadas com as questões ambientais. Para o economista, o desafio é aliar o desenvolvimento econômico aos limites do planeta:

— Do ponto de vista das transformações objetivas, pouca coisa aconteceu. Temos uma janela de dez a 20 para transformar todo o conhecimento científico em ação.

Especialistas chamam atenção para outro ponto importante do relatório, a segurança alimentar. A produção de alimentos cresceu 45% desde 1992. O consumo de peixes e frutos do mar é 32% maior, e o de carne subiu 26%. Porém, em muitos casos, a exploração dos recursos é maior do que a capacidade de recuperação do planeta: apenas 15% dos estoques de peixes estão abaixo dos níveis de reprodução deles.

— A escala da produção pode provocar um sério problema — afirmou Haroldo. — Por exemplo, a Índia aumentou sua produção de alimentos porque usa mais água subterrânea que as chuvas conseguem repor.

O relatório também mostra dados positivos. A produção de substâncias que atacam a camada de ozônio na atmosfera caiu 93%. Esse era o principal problema discutido na conferência do Rio em 1992. O relatório mostra, ainda, que o percentual de pessoas morando em favelas no mundo passou de 46% para 33% entre 1990 e 2010, ainda que, em números absolutos, tenha aumentado de 656 milhões para 827 milhões.

— O relatório mostra que, quando há uma reação, é possível alterar drasticamente a trajetória de tendências perigosas que ameaçam o bem-estar humano. As iniciativas para acabar com produtos químicos que prejudicam a camada de ozônio compõem um exemplo vivo e poderoso — disse o Subsecretário Geral da ONU e Diretor Executivo do Pnuma, Achim Steiner.

O relatório do Pnuma ressalta, porém, que faltam dados sólidos e sistemas de monitoramento ambientais. A Cúpula Eye on Earth, que será realizada em dezembro, em Abu Dhabi, reunirá cientistas e representantes de governos que discutirão, entre outros tópicos, o compartilhamento de informações.

## O QUE MUDOU NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS



Reuters  
Homem retira peixes mortos de um lago em Wuhan, na China

### EMIÇÃO DE CO<sub>2</sub>

**Aumentou 36%** (80% dela vem de 19 países)

- Os dez anos mais quentes já registrados ocorreram a partir de 1998
- Por isso, a temperatura global aumentou 0,4 graus Celsius
- A produção de plástico aumentou 130%
- Em compensação, a produção de substâncias que atacam a camada de ozônio caiu 93%

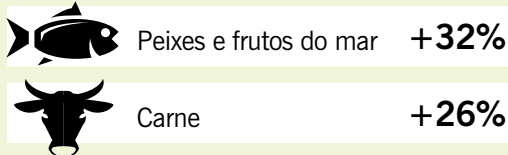
### A QUANTIDADE DE DESASTRES NATURAIS DOBROU

O número de catástrofes reportadas anualmente foi de cerca de 200 para aproximadamente 400, o que pode estar relacionado ao aquecimento global

### O USO DE FONTES DE ENERGIAS RENOVÁVEIS é 13% maior

### PRODUÇÃO DE ALIMENTOS Aumentou 45% desde 1992

CRESCIMENTO NO CONSUMO



O cidadão global consumia, em média, 34 quilos de carne há 20 anos. Hoje, são 43 quilos

### A BIODIVERSIDADE diminuiu 12%

- 300 milhões de hectares de florestas foram cortados (uma área maior do que a Argentina)
- Elas são trocadas, principalmente, por plantações de olho de palma, soja e cana-de-açúcar. Juntas, elas ocupam 14 milhões de km<sup>2</sup> (em 1992, eram 8 milhões de km<sup>2</sup>)
- O relatório destaca o desflorestamento no sul da Bacia Amazônica. Os estados mais críticos são Rondônia, Pará e no Mato Grosso
- A cada ano 52 espécies de vertebrados aproximam-se da lista de extinção



Reuters

Desmatamento em floresta na ilha de Sumatra, Indonésia

## A POPULAÇÃO cresceu 26%, 1,45 bilhão de pessoas a mais

### MEGACIDADES

O mundo conta com 21 megacidades. As cinco maiores são:

	POPULAÇÃO	RANKING EM 1990
Tóquio (Japão)	36,7 milhões	1º lugar
Nova Delhi (Índia)	22,2 milhões	11º lugar
São Paulo (Brasil)	20,3 milhões	4º lugar
Mumbai (Índia)	20 milhões	5º lugar
Cidade do México (México)	19,5 milhões	3º lugar

• As favelas ganharam 171 milhões de moradores, mas, hoje, o percentual da população urbana que mora em comunidades é menor (passou de 46% para 33%)



Reuters  
Motoristas esperam num cruzamento em Taipei, capital de Taiwan

# Brasil: metas globais de sustentabilidade

País apresenta à ONU suas propostas a serem debatidas na conferência Rio+20

Catarina Alencastro

catarina.alencastro@bsb.oglobo.com.br

• BRASÍLIA. O governo brasileiro apresentou ontem às Nações Unidas suas propostas para a Rio+20, conferência de desenvolvimento sustentável que acontecerá no Rio de Janeiro, de 4 a 6 de junho de 2012. As sugestões são genéricas e, junto com propostas de outros países, formarão o texto base a ser discutido durante a cúpula. A principal proposta brasileira é a adoção de objetivos globais de desenvolvimento sustentável, a exemplo dos Objetivos do Milênio fixados pela ONU para os países em desenvolvimento.

Entre esses objetivos estão a erradicação total da pobreza no mundo, o empoderamento das mulheres e o acesso de todos aos recursos hídricos. Outros propósitos que o Brasil sugere são equidade intergeracional, inovação tecnológica para a sustentabilidade e adequação da pegada ecológica à capacidade de regeneração do planeta. Ou seja, que os países não consumam nem descartem mais produtos do que a Terra é capaz de suportar. Este é um dos princípios ecológicos que vem sendo pregado por ambientalistas desde a primeira conferência ambiental da ONU, em Estocolmo em 1972.

O governo ainda quer que sejam adotados índices de sustentabilidade para referência de investimentos e o incentivo a financiamentos internacionais para projetos de cunho ambiental. A ideia é que bancos de fomento, como o Banco Mundial, procurem criar linhas de crédito específicas para a sustentabilidade ecológica. O Brasil também propõe que os governos deem o exemplo às indústrias, favorecendo o componente ambiental em suas compras públicas. Caso os países não definam números específicos para cada uma das metas, o Brasil sugere a formação de um grupo de trabalho para acompanhar seu cumprimento.

### Economia verde e erradicação da pobreza entre os temas da conferência

Outra proposta é pela reforma do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc) para que o órgão também inclua o componente da sustentabilidade em suas ações e que o Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) passe a receber doações obrigatórias dos países. Hoje, as contribuições financeiras são voluntárias.

O embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado, subsecretário-geral de Meio Ambiente, Energia, Ciência e Tecnologia do Itamaraty,

disse que a conferência não pretende resolver problemas nas negociações de mudanças climáticas, mas que provavelmente soluções que resultem na redução de emissões de gases-estufa serão encontradas durante a cúpula.

— Há várias ideias sobre objetivos na área de eficiência energética e energias renováveis, assuntos que têm incidência direta sobre a crise climática — afirmou.

A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, acredita que, embora o documento final aprovado pela conferência não obrigue legalmente os países a segui-lo, certamente trará consequências práticas.

— Quando você negocia leis, há todas as amarras no processo de negociação. O contexto de engajamento político do debate dá outro contexto, você tende a ter mais liberdade de negociar e buscar saídas em conjunto do que quando você está discutindo uma lei. É uma oportunidade de debater sem as amarras políticas tradicionais. É uma conferência para construir soluções. Não é uma conferência para embates — disse a ministra, lembrando que os temas principais da conferência são erradicação da pobreza, economia verde e a governança de desenvolvimento sustentável. ■